

LIÇÃO 17 - Argumentos contra a Visão de que as Ideias são Princípios do Ser e do Conhecimento

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulos 9 e 10: 992a 24-993a 27

“133. E, em geral, embora a sabedoria investigue as causas das coisas aparentes, negligenciamos este estudo. Pois nada dizemos sobre a causa da qual se origina o movimento. E, enquanto pensamos que estamos declarando a substância dessas coisas sensíveis, introduzimos outras substâncias. Mas a maneira como explicamos como estas últimas são as substâncias das primeiras é conversa vazia; pois "participar", como dissemos antes (115), não significa nada. Além disso, aquilo que vemos ser a causa nas ciências, aquilo por cuja razão todo intelecto e toda natureza operam, essa causa que dizemos ser um dos princípios, as Formas não tocam de modo algum. Mas a matemática foi transformada em filosofia pelos pensadores atuais (566), embora digam que a matemática deve ser tratada por causa de outras coisas.

134. Além disso, poder-se-ia supor que a substância subjacente [que eles consideram] como matéria é demasiado matemática, e que é antes um predicado e diferença da substância e da matéria, como o grande e o pequeno; assim como os filósofos da natureza falam do raro e do denso (56), que dizem ser as diferenças primárias do sujeito subjacente; pois "estes são uma espécie de excesso e defeito".

135. E, com relação ao movimento, se essas entidades [o grande e o pequeno] são movimento, evidentemente as Formas são movidas; mas, se não são, de onde vem o movimento? Pois [se não tem causa], todo o estudo da natureza é destruído.

136. E o que parece fácil mostrar é que todas as coisas não são uma; pois, a partir de sua posição, todas as coisas não se tornam uma. Mas se alguém afirmar que todas as coisas são alguma coisa una, nem mesmo isso é verdade, a menos que se conceda que o universal é uma classe; e, em certos outros casos, isso é impossível.

137. Pois eles não têm nenhuma teoria sobre os comprimentos, larguras e sólidos que vêm após os números: nem como eles agora existem ou existirão, nem qual importância eles têm. Pois é impossível que eles sejam Formas (já que não são números), ou coisas intermediárias (pois essas são os objetos da matemática), ou coisas corruptíveis; mas, ao contrário, parece que eles formam uma quarta classe.

138. E, em geral, procurar os elementos das coisas existentes sem distinguir os diferentes sentidos em que as coisas são ditas ser torna impossível descobri-los. E [a sua visão é insatisfatória] de outra maneira, i.e., na maneira como eles procuram os elementos de que as coisas são compostas. Pois é impossível entender de que coisas a ação, a paixão ou a retidão é composta. Mas, se isso só é possível no caso das substâncias, então procurar os elementos de todas as coisas existentes, ou pensar que os encontramos, é um erro.

139. Mas como alguém adquirirá conhecimento dos elementos de todas as coisas? Pois é claramente impossível ter conhecimento prévio de qualquer coisa. Pois, assim como alguém que adquire conhecimento de geometria deve ter um conhecimento prévio de outras coisas, mas não das coisas que esta ciência [investiga], e que ele deve aprender, o mesmo acontece no caso das outras ciências. Portanto, se há uma ciência de todas as coisas (e deve haver uma ciência destas), como alguns dizem, aquele que aprende esta ciência não tem qualquer conhecimento prévio dela. Mas toda aprendizagem procede de coisas previamente conhecidas, todas ou algumas delas, quer a aprendizagem seja por demonstração ou por definições. Pois [as partes] de que as definições são compostas já devem ser conhecidas de antemão e ser evidentes. O mesmo é verdade no caso das coisas descobertas por indução.

140. Mas, se esta ciência fosse inata, é uma maravilha como poderíamos estar inconscientes de possuir a mais importante das ciências.

141. Novamente, como alguém pode conhecer os elementos de que as coisas são compostas, e como isso pode ser tornado evidente? Pois isso também apresenta uma dificuldade; porque alguém poderia argumentar da mesma maneira que se faz sobre certas sílabas. Pois alguns dizem que sma é composto de s, m e a, enquanto outros dizem que é um som totalmente diferente e não qualquer um daqueles que nos são conhecidos.

142. Novamente, como alguém poderia conhecer as coisas das quais um sentido tem cognição sem ter esse sentido? No entanto, isso será necessário se elas [i.e., as coisas sensíveis] são os elementos de que todas as coisas são compostas, assim como as palavras faladas são compostas de seus elementos próprios.

Capítulo 10

143. Do que foi dito acima, então, é evidente que todos [os primeiros filósofos] parecem buscar as causas mencionadas na Física, e que não podemos enunciar nenhuma outra além destas. Mas eles entenderam essas causas de forma obscura; e, embora em um sentido todas as causas tenham sido mencionadas antes, em outro sentido não foram mencionadas de forma alguma. Na verdade, a filosofia mais antiga parece falar de forma vacilante sobre todos os assuntos, na medida em que era nova em relação aos princípios e a primeira do seu tipo. Pois mesmo Empédocles diz que as proporções estão presentes no osso, e que esta é a quiddidade ou substância de uma coisa. Mas [se isso é verdade], deve haver igualmente uma proporção da carne e de toda outra coisa ou de nada. Pois é por causa disso que a carne, o osso e toda outra coisa existem, e não por causa de sua matéria, que ele diz ser fogo, terra, ar e água. Mas, se alguém mais tivesse dito isso, teria sido obrigado a concordar com a mesma coisa. Mas ele não disse isso. Coisas como estas, então, foram explicadas antes. Portanto, voltemos novamente a quaisquer problemas que alguém possa levantar sobre o mesmo assunto; pois talvez à luz destes possamos fazer alguma investigação sobre problemas subsequentes.

COMENTÁRIO

259. Aqui Aristóteles destrói a opinião de Platão acerca dos princípios das coisas. Primeiro, destrói a opinião de Platão sobre os princípios do ser; e segundo (268), sua opinião sobre os princípios do conhecimento (“Mas como se saberá”).

Quanto à primeira parte, ele apresenta seis argumentos. O primeiro baseia-se no fato de que Platão negligenciou tratar das classes de causas. Assim, diz que “em geral, a sabedoria”, ou filosofia, tem como objetivo investigar as causas “das coisas aparentes”, i.e., das coisas aparentes aos sentidos. Pois os homens começaram a filosofar porque buscavam as causas das coisas, como foi dito no prólogo (53). Mas os platônicos, entre os quais ele se inclui, negligenciaram os princípios das coisas, porque nada disseram sobre a causa eficiente, que é a fonte da mudança. E, ao postular as Ideias, pensavam ter dado a causa formal das coisas. Contudo, embora pensassem estar falando da substância dessas coisas, i.e., das sensíveis, postularam a existência de certas outras substâncias separadas que diferem destas. No entanto, a maneira como atribuíram essas substâncias separadas como as substâncias das coisas sensíveis “é conversa vazia”, i.e., não prova nada e não é verdadeira. Pois disseram que as Formas são as substâncias das coisas sensíveis na medida em que são participadas pelas coisas sensíveis. Mas o que disseram sobre a participação é sem sentido, como é claro pelo que foi dito acima (225). Além disso, as Formas que postularam

não têm conexão com a causa final, embora vejamos que esta é uma causa em certas ciências que demonstram por meio da causa final, e que é por razão desta causa que todo agente intelectual e todo agente natural opera, como foi mostrado na *Física*, Livro II. E assim como não tocam naquela causa que é chamada de fim [ou objetivo], quando postulam a existência das Formas (169), também não tratam daquela causa que é chamada de fonte do movimento, a saber, a causa eficiente, que é o oposto, por assim dizer, da causa final. Mas os platônicos, ao omitirem causas desse tipo (já que omitiram um ponto de partida e um fim do movimento), trataram as coisas naturais como se fossem objetos da matemática, que carecem de movimento. Daí disseram que os objetos da matemática deveriam ser estudados não apenas por si mesmos, mas em função de outras coisas, i.e., dos corpos naturais; na medida em que atribuíram as propriedades dos objetos da matemática aos corpos sensíveis.

260. Além disso, poder-se-ia (134).

Aqui ele apresenta o segundo argumento, que é o seguinte: aquilo que é postulado como a matéria de uma coisa é a substância da coisa, e é predicável de uma coisa em maior grau do que algo que existe separadamente dela. Mas uma Forma existe separadamente das coisas sensíveis. Portanto, segundo a opinião dos platônicos, poder-se-ia supor que a substância subjacente como matéria é a substância dos objetos da matemática em vez de uma Forma separada. Além disso, ele admite que é predicada de uma coisa sensível em maior grau do que a Forma acima. Pois os platônicos sustentavam que o grande e o pequeno é uma diferença de substância ou matéria; pois referiam esses dois princípios à matéria, assim como os filósofos da natureza (115) sustentavam que a raridade e a densidade são as diferenças primárias do “sujeito subjacente”, ou matéria, pelas quais a matéria é alterada, e falavam delas em certo sentido como o grande e o pequeno. Isso fica claro pelo fato de que a raridade e a densidade são uma espécie de excesso e defeito. Pois o denso é o que contém muita matéria sob as mesmas dimensões, e o raro é o que contém muito pouca matéria. No entanto, os platônicos disseram que as Formas são a substância das coisas sensíveis em vez dos objetos da matemática, e que são predicáveis delas em maior grau.

261. E com relação (135).

Aqui ele apresenta o terceiro argumento, que é o seguinte: se aqueles atributos que existem nas coisas sensíveis são causados por Formas separadas, é necessário dizer ou que existe uma Ideia de “movimento” entre as Formas ou que não existe. Se existe uma Forma ou Ideia de movimento entre as Formas, e não pode haver movimento sem algo que é movido, segue-se também que as Formas devem ser movidas. Mas isso se opõe à opinião dos platônicos, pois eles afirmavam que as Formas são imóveis. Por outro lado, se não há Ideia de movimento, e esses atributos que existem nas coisas sensíveis são causados pelas Ideias, será impossível atribuir uma causa para o movimento que ocorre nas coisas sensíveis; e assim toda a investigação da filosofia natural, que estuda as coisas móveis, será destruída.

262. E o que parece fácil (136).

Em seguida, ele apresenta o quarto argumento, que é o seguinte: se a unidade fosse a substância de todas as coisas, como os platônicos supunham, seria necessário dizer que todas as coisas são uma, assim como os filósofos da natureza também fizeram ao afirmar que a substância de todas as

coisas é a água, e assim por diante para os outros elementos. Mas é fácil mostrar que todas as coisas não são uma. Portanto, a posição de que a unidade é a substância de todas as coisas não é tida em alta conta.

263. Mas suponhamos que alguém possa dizer que não decorre, da posição de Platão, que todas as coisas são uma em sentido absoluto, mas em sentido qualificado, assim como dizemos que algumas coisas são uma genericamente ou especificamente. E se alguém quisesse dizer que todas as coisas são uma desta forma, mesmo isso só poderia ser sustentado se o que chamo de uno fosse um gênero ou predicado universal de todas as coisas. Pois então poderíamos dizer que todas as coisas são uma especificamente, assim como dizemos que tanto um homem quanto um asno são animal substancialmente. Mas em certos casos parece impossível que haja uma única classe de todas as coisas, porque a diferença que divide essa classe necessariamente não seria uma, como será dito no Livro III (432). Portanto, de modo algum se pode sustentar que a substância de todas as coisas é uma.

264. Pois eles não têm (137).

Aqui ele apresenta o quinto argumento, que é o seguinte: Platão colocou comprimentos, larguras e sólidos depois dos números como as substâncias das coisas sensíveis, i.e., aquilo de que são compostas. Mas, de acordo com a posição de Platão, parece não haver razão pela qual eles devam ser considerados existentes agora ou no futuro. Nem essa noção parece ter qualquer eficácia para estabelecê-los como as causas das coisas sensíveis. Pois as coisas que existem “agora” devem significar coisas imóveis (porque estas existem sempre da mesma maneira), enquanto as coisas que “existirão” devem significar aquelas que são capazes de geração e corrupção, que adquirem ser após o não-ser. Isso se torna claro assim: Platão postulou três classes de coisas — as coisas sensíveis, as Formas e os objetos da matemática, que são uma classe intermediária. Mas tais linhas e superfícies como aquelas de que os corpos sensíveis são compostos não podem ser Formas; pois as Formas são essencialmente números, enquanto tais coisas [i.e., as linhas e superfícies que compõem os corpos] vêm depois dos números. Nem tais linhas e superfícies podem ser ditas uma classe intermediária entre as Formas e as coisas sensíveis; pois as coisas nesta classe intermediária são os objetos da matemática e existem separadamente das coisas sensíveis; mas isso não pode ser dito das linhas e superfícies de que os corpos sensíveis são compostos. Nem, novamente, tais linhas e superfícies podem ser coisas sensíveis; pois estas últimas são corruptíveis, enquanto essas linhas e superfícies são incorruptíveis, como será provado abaixo no Livro III (466). Portanto, essas coisas ou não são nada, ou constituem uma quarta classe de coisas, que Platão omitiu.

265. E, em geral (138).

Aqui ele apresenta o sexto argumento, que é o seguinte: é impossível descobrir os princípios de qualquer coisa que é dita em muitos sentidos, a menos que esses muitos sentidos sejam distinguidos. Ora, aquelas coisas que concordam apenas no nome e diferem em sua estrutura inteligível não podem ter princípios comuns; caso contrário, teriam a mesma estrutura inteligível, já que a estrutura inteligível de uma coisa é derivada de seus próprios princípios. Mas é impossível atribuir princípios distintos para aquelas coisas que têm apenas o nome em comum, a menos que sejam aquelas cujos princípios devem ser indicados como diferentes uns dos outros. Portanto, uma

vez que o ser é predicado tanto da substância quanto dos outros gêneros em sentidos diferentes e não no mesmo sentido, Platão atribuiu princípios inadequados para as coisas ao não distinguir os seres uns dos outros.

266. Mas como alguém poderia atribuir princípios a coisas que diferem em sua estrutura inteligível e têm um nome comum, ajustando princípios próprios a cada uma sem distinguir os muitos sentidos do nome comum, e como os platônicos não fizeram isso, então “de outra maneira”, i.e., por outro argumento, eles atribuíram princípios inadequados às coisas quando buscaram os elementos de que as coisas são feitas, i.e., da maneira como os buscaram, na medida em que não atribuíram princípios que são suficientes para todas as coisas. Pois de suas afirmações é impossível entender os princípios dos quais se compõem a ação e a paixão, a curvatura e a retidão, ou outros acidentes tais. Pois eles indicaram apenas os princípios das substâncias e negligenciaram os acidentes.

267. Se alguém, em defesa de Platão, quisesse afirmar que é possível que os elementos de todas as coisas tenham sido adquiridos ou descobertos no momento em que apenas os princípios das substâncias foram adquiridos ou descobertos, essa opinião não seria verdadeira. Pois, embora os princípios das substâncias sejam também, de certo modo, os princípios dos acidentes, os acidentes têm seus próprios princípios. Nem os princípios de todos os gêneros são os mesmos em todos os aspectos, como será demonstrado adiante no Livro XI (2173) e no Livro XII (2455) desta obra.

268. Mas como alguém poderia (139).

Aqui ele argumenta dialeticamente contra a posição de Platão de que as Ideias são os princípios de nosso conhecimento científico. Ele apresenta quatro argumentos, dos quais o primeiro é este: se nosso conhecimento científico é causado pelas próprias Ideias, é impossível para nós adquirirmos conhecimento dos princípios das coisas. Mas é evidente que adquirimos conhecimento. Portanto, nosso conhecimento não é causado pelas próprias Ideias. Que seria impossível adquirir conhecimento de algo, ele prova assim: ninguém tem qualquer conhecimento prévio daquele objeto do qual deve adquirir conhecimento; por exemplo, mesmo que, no caso da geometria, alguém tenha conhecimento prévio de outras coisas necessárias para a demonstração, os objetos dos quais ele deve adquirir conhecimento não devem ser conhecidos de antemão. O mesmo também ocorre no caso das outras ciências. Mas, se as Ideias são a causa de nosso conhecimento, os homens devem ter conhecimento de todas as coisas, porque as Ideias são as estruturas inteligíveis de todas as coisas cognoscíveis. Portanto, não podemos adquirir conhecimento de nada, a menos que se diga que alguém adquire conhecimento de algo que já conhecia. Se se sustenta, então, que alguém adquire conhecimento, ele não deve ter qualquer conhecimento prévio da coisa que vem a conhecer, mas apenas de certas outras coisas através das quais ele é instruído; ou seja, adquire-se conhecimento através de coisas previamente conhecidas, "todas", isto é, universais, "ou algumas delas", isto é, coisas singulares. Aprende-se através de universais no caso daquelas coisas que são descobertas por demonstração e definição, pois, em demonstrações e definições, as coisas das quais as definições ou universais são compostos devem ser conhecidas primeiro. E, no caso das coisas que são descobertas por indução, as coisas singulares devem ser conhecidas primeiro.

269. Mas se isso, a ciência (140).

Aqui ele apresenta o segundo argumento, que é o seguinte: se as Ideias são a causa de nosso conhecimento, ele deve ser conatural a nós; pois os homens apreendem as coisas sensíveis através dessa natureza própria, porque as coisas sensíveis participam das Ideias segundo os platônicos. Mas o conhecimento ou ciência mais importante é aquele que é conatural a nós e que não podemos esquecer, como é evidente em nosso conhecimento dos primeiros princípios da demonstração, dos quais ninguém é ignorante. Portanto, não há como podemos esquecer o conhecimento de todas as coisas causado em nós pelas Ideias. Mas isso é contrário à opinião dos platônicos, que diziam que a alma, como resultado de sua união com o corpo, esquece o conhecimento que tem de todas as coisas por natureza, e que, pelo ensino, um homem adquire conhecimento de algo que anteriormente conhecia, como se o processo de adquirir conhecimento fosse meramente um recordar.

270. Novamente, como alguém (141).

Aqui ele apresenta o terceiro argumento, que é o seguinte: para conhecer as coisas, um homem deve adquirir conhecimento não apenas das formas das coisas, mas também dos princípios materiais dos quais elas são compostas. Isso é evidente pelo fato de que ocasionalmente surgem questões a respeito destes; por exemplo, a respeito desta sílaba *sma*, alguns questionam se ela é composta das três letras *s*, *m* e *a*, ou se é uma letra distinta destas e que tem seu próprio som. Mas apenas os princípios formais das coisas podem ser conhecidos através das Ideias, porque as Ideias são as formas das coisas. Logo, as Ideias não são causa suficiente de nosso conhecimento das coisas quando os princípios materiais permanecem desconhecidos.

271. Novamente, como poderia (142).

Aqui ele apresenta o quarto argumento, que é o seguinte: para conhecer a realidade, devemos conhecer as coisas sensíveis, porque as coisas sensíveis são o elemento material aparente do qual todas as coisas são compostas, assim como os sons complexos (tais como sílabas e palavras) são compostos de seus elementos próprios. Se, então, o conhecimento é causado em nós pelas Ideias, nosso conhecimento das coisas sensíveis deve ser causado pelas Ideias. Mas o conhecimento que é causado em nós pelas Ideias é apreendido sem os sentidos, porque não temos conexão com as Ideias através dos sentidos. Portanto, no ato da percepção, segue-se que qualquer pessoa que não tenha um sentido pode apreender o objeto desse sentido. Isso é claramente falso; pois um homem nascido cego não pode ter qualquer conhecimento das cores.

272. Do que foi dito (143).

Aqui ele resume as afirmações feitas pelos filósofos antigos. Ele diz que, a partir do que foi dito acima, é evidente que os filósofos antigos tentaram investigar a causa que ele [Aristóteles] tratou na *Física*, e que em suas afirmações não encontramos nenhuma causa além daquelas estabelecidas nessa obra. No entanto, esses homens discutiram essas causas de modo obscuro; e, embora de certo modo tenham mencionado todas essas causas, de outro modo não mencionaram nenhuma delas. Pois, assim como as crianças pequenas inicialmente falam de forma imperfeita e gaguejante, de maneira semelhante esta filosofia, por ser nova, parece falar de forma imperfeita e gaguejante sobre os princípios de todas as coisas. Isso é corroborado pelo fato de que Empédocles foi o primeiro a dizer que os ossos têm uma certa proporção, ou mistura proporcional [dos elementos], e que isso é a quiddidade ou substância de uma coisa. Mas o mesmo também deve ser

verdadeiro para a carne e para qualquer outra coisa singular ou para nenhuma delas, pois todas essas coisas são misturas de elementos. E por esta razão é evidente que a carne, o osso e todas as coisas deste tipo não são o que são por causa de sua matéria, que ele identificou com os quatro elementos, mas por causa deste princípio — sua forma. No entanto, Empédocles, compelido como que pela necessidade da verdade, teria mantido esta visão se ela tivesse sido expressa mais claramente por outra pessoa, mas ele não a expressou claramente. E, assim como os filósofos antigos não expressaram claramente a natureza da forma, também não expressaram claramente a natureza da matéria, como foi dito acima sobre Anaxágoras (90). Nem expressaram claramente a natureza de quaisquer outros princípios. Portanto, sobre tais coisas, que foram afirmadas de forma imperfeita, já falamos antes (190). E, com relação a estas questões, reafirmaremos novamente no Livro III (423) quaisquer dificuldades que possam ser levantadas sobre ambos os lados da questão. Pois, talvez, a partir de tais dificuldades, descobriremos alguma informação útil para lidar com os problemas que devem ser examinados e resolvidos posteriormente ao longo de toda esta ciência.

Revision #3

Created 6 September 2026 22:10:23 by Admin

Updated 12 September 2026 23:37:17 by Admin